

INTERVALO ANALITICO

Em torno do FEMININO



Escultura de Louise Bourgeois. "Maman", 1999.

MATÉRIA DA CAPA

O corpo feminino para além da castração

"Não podemos mais falar da aliança entre o feminino e o belo."
(Marcelo Veras)

Esse nosso desconhecido

É também na obra freudiana que se dá a migração da ênfase da castração para o desamparo originário."
(Silvana Rea)

Por Marcelo Veras e Silvana Rea
páginas 3 e 4

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Entrevista com Lucila de Jesus Mello Gonçalves

"Na pesquisa no Xingu, pude observar um modo de vida em que o sonhar e o viver são inseparáveis. Pude conhecer as dimensões comunitárias do sonhar."

Por Carlos Pires Leal
página 6

PSICANÁLISE & CIA

Jozias Benedicto

"Penso que é isto o que procuro com minha arte, tanto na escrita como nas artes visuais: entender o mundo, preservar memórias e imagens do desaparecimento, da entropia, e conseguir também, com isso, entender quem sou eu. Na verdade, um projeto inútil de vencer a morte."

Por Tiago Mussi
páginas 10 e 11

DIVAGAR É PRECISO

O Jarro de Pandora

"Em uma espécie de reconstrução arqueológica, a autora junta caquinhos, junta escritos, dando voz a Jocastas, Helenas e Penélopes que, normalmente, não são escutadas."

Por Simone Wenkert Rothstein
página 12



Em torno do feminino

Como encadernação vistosa, feita / Para iletrados a mulher se enfeita / Mas ela é um livro místico e somente / Alguns (a que tal graça se consente) / É dado lê-la. Eu sou um que sabe...

O trecho da poesia de John Donne, escrita por volta de 1620, que recebeu música de Péricles Cavalcanti e foi gravada por Caetano Veloso, nos faz pensar na afirmação de Freud, ao deixar para os poetas e os novos cientistas a difícil tarefa de entender melhor o Continente Obscuro Feminino.

Dando início aos trabalhos do espinhoso e fascinante tema desta edição, Marcelo Veras, psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise, aborda, a partir do referencial lacaniano, a questão feminina pela emergência de um corpo que, na contemporaneidade, responde à perversão polimorfa oferecida pelas câmeras e telas e onde o belo perde sua função de “recobrir o objeto como dejetivo”, dando lugar a um *sex appeal* bruto da carne crua que recobre o corpo”, como mostrou Lady Gaga em uma cerimônia de premiação.

Silvana Rea, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), traz Freud para a conversa, lembrando que a Psicanálise surgiu a partir da escuta das históricas e que, ainda assim, foi apoiado no modelo fálico – castrado – que seu criador entendeu a sexualidade feminina. Silvana nos convida a passear pela arte, em especial pelo Surrealismo, para acompanhar os caminhos do feminino como alteridade, e vai apontar na obra freudiana a posterior noção de desamparo originário, comum aos dois sexos.

Na coluna *Fazendo Parte da Psicanálise*, o colega Carlos Leal nos oferece a belíssima entrevista com a psicanalista Lucila de Jesus Mello Gonçalves, que nos convida a lhe acompanhar no trabalho com a comunidade indígena. Uma aula de respeito à diferença e aprendizado, em que a abertura ao novo proporciona um olhar peculiar para a importância do sonhar no seu viés comunitário. Para ler torcendo pela queda do Marco Temporal.

Luiz Fernando Gallego, em sua face de crítico de cinema acompanhada de seu saber de psicanalista, nos convida para um passeio pela “cultura do estrelismo”, termo usado por Edgar Morin para falar das “estrelas-atrizes” que povoaram o imaginário de seus admiradores desde os anos 20 e 30 e eram substituídas na esteira da adulação efêmera, “estimulada pela máquina de propaganda dos grandes estúdios americanos”.

Margaret Waddington Binder, membro efetivo da Brasileira, escreve na *Coluna do Instituto* sobre a fértil conversa clínica que pode ter com Joana Alves Ferreira, aluna do Instituto da Sociedade de Psicanálise de Portugal, que estava em intercâmbio no Instituto da SBPRJ promovido pelas instituições IPSO/IPA e participou de várias atividades. O encontro clínico contou com alunos e membros de nossa Sociedade e espera-se que possa servir de estímulo para novos intercâmbios.

Navegando pelas questões femininas e a partir do feminismo negro, Maria Cristina Leão, membro provisório, convoca as falas de Neuza Santos, Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez para denunciar a hegemonia do movimento feminista branco e apontar para

uma necessária pluralidade, um “espírito contra-hegemônico e uma escuta polifônica, ferramentas importantes para reconhecer que as teorias psicanalíticas não escaparam da razão patriarcal e do preconceito de gênero, raça e classe.”

Em *Psicanálise & Cia*, Tiago Mussi, nosso coeditor, entrevista Jozias Benedicto, artista visual e escritor que nos brindou com sua arte na edição de final de ano, em 2022. Em uma conversa fluida, Jozias conta sobre seu percurso profissional, mestres, forma de criar e sua infância marcante em São Luís, presente em seus livros, e da escolha de viver parte do tempo em Lisboa que lhe evoca sua São Luís, assim, com Z, como se escrevia no século passado.

Na coluna *Divagar é Preciso*, nossa colega e membro efetivo Simone Wenkert, a partir da procura de um livro para levar em viagem para a Grécia, se depara com um exemplar de capa azul que lhe remete aos postais das ilhas gregas, de título *O Jarro de Pandora*, escrito por Natalie Haynes, e ousou virar o Jarro para ouvir as vozes silenciadas daquelas mulheres de Atenas.

Caríssimos leitores: sabemos que a vastidão do assunto Feminino foi instigado com as colaborações preciosas de nossos convidados. Sugiro que, para continuar, peçam a ajuda de Clarices, Cecílias, Adélias, Hildas, Marguerites, Simones, Conceições, Paulinas..., que “revelam para além do sujeito fálico da representação uma subjetivação que se opera no registro da intensidade pulsional”. (Regina Neri, 2005). Boa Leitura.

// Sandra Gonzaga e Silva
gonzaga.sagon@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanalDeVideosSBPRJ/

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Danielle Grynszpan, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editores:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

Presidente: Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Pyszczol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Letícia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Carlos Pires Leal



O corpo feminino para além da castração

Em um momento em que somos tomados pelo grande debate sobre a Psicanálise e as questões de gênero, é válido repassar alguns passos de Lacan. A clínica lacaniana da diferença entre os sexos, que tem sua versão mais acabada no Seminário XX, é uma clínica em que homens e mulheres buscam sua posição sexual a partir de uma alteridade que nunca se transforma em complementaridade. Assim, homens e mulheres jamais se completam sexualmente diante do Outro sexo. Trata-se de uma lógica distinta da que faz de homens e mulheres seres em que há um puro elemento viril correlato ao falo, em um planeta, e um puro elemento feminino correlato à castração, no outro.

De um modo inédito na Psicanálise, Lacan deslocou a questão da repartição entre os sexos do impasse da castração. Em 73, no texto *Étourdit*, ele afirma que o heterossexual é aquele que, independentemente de seu próprio sexo, ama as mulheres. Aqui, não se trata mais da diferença anatômica entre os sexos. Seu propósito, como diz o próprio autor, é revisar a noção de que a função fálica se apoiaria em um "fânero" suplementar ao corpo da mulher para torná-lo um *organon* específico dessa função¹.

É desse modo que o corpo feminino nos parece emergir no século XXI como uma colagem de objetos a que respondem à perversão polimorfa acessível, de modo cada vez mais imediato, por meio do olhar absoluto da hegemonia das câmeras e telas de todos os tipos e tamanhos². Uma cópula pornográfica cujo sentido fálico se esvai, como evocada por Jacques-Alain Miller³.

Pergunto se o véu da beleza feminina sustenta a fantasia masculina com a mesma tenacidade, sobretudo se tomamos como referência o fato de que o corpo da mulher não mais encontra, no referencial fálico, sua unidade.

Lady Gaga, ícone pop, demonstrou isso de modo bastante peculiar. Aqui, não podemos mais falar da aliança entre o feminino e o belo. Podemos nos apoiar em um comentário de Brousse sobre a questão da arte

"...é uma clínica em que homens e mulheres buscam sua posição a partir de uma alteridade que nunca se transforma em complementaridade."

em nosso tempo para abordarmos o modo como a cantora aparece em suas performances. Para Brousse, produziu-se no século XXI uma ruptura entre os ideais e o belo; em outras palavras, a imagem do belo revestia o objeto como dejetivo, l(A) recobria a. "Hoje, essa barreira acabou. l(A) não governa mais a abordagem do objeto pulsional pela Arte. A separação entre o Ideal e o objeto é consumida e é o a sem véu que se adianta"⁴.

Lady Gaga causou impacto no público e grande repercussão na mídia ao aparecer vestida com uma roupa feita de carne crua em uma cerimônia de premiação, ou seja, uma noite de gala. É precisamente essa nova exposição da roupa e do corpo feminino que me interessa. Aqui, não há mais uma erótica comandada por algum discurso, objeto ou palavra. Contudo, o mais contundente é que, para além do discurso, há uma nítida evocação do *sex appeal* bruto desta carne que recobre o corpo.

É possível ver que o século XXI exige pensar tanto as causas da ruptura que se impõe quanto uma posição que norteie as ações clínicas no novo contexto.

Referências:

(1) Lacan, Jacques, *Étourdit* in *Autres Écrits*, p. 464. Éditions du Seuil, Paris, 2001.

(2) Faço aqui referência ao livro de Gerard Wajcman, *L'œil absolu*, lançado em Paris pela Editora Denoël, em 2010, que discorre sobre a presença totalizadora do olhar no mundo contemporâneo.

(3) Miller, J-A. O Inconsciente e o Corpo que Fala, intervenção para apresentação do tema do X Congresso da AMP.

(4) Brousse M-H. O objeto de arte na época do fim do belo: do objeto ao abjeto, in *Opção Lacaniana* v.52, 2008.

// **Marcelo Veras**

Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise e psiquiatra da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
marceloveras@gmail.com



Lady Gaga com vestido de carne crua.

HE-FAME.ORG



Esse nosso desconhecido

Durante muito tempo, as mulheres foram excluídas da História. Tema constante na Arte, elas só foram aceitas como artistas na Academia Real Inglesa em 1822 e apenas a partir de 1892 na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Consideradas inaptas à racionalidade, a Universidade de Viena não as admitia até o início do século XX. E, no Brasil, uma lei de 1879 permitiu a matrícula em ensino superior, desde que fosse efetivada pelo pai ou marido. No entanto, Freud só pôde conceber a Psicanálise porque se dispôs a escutar as histéricas em la Salpêtrière, ali observadas e tratadas exclusivamente por homens. Ainda assim, adotou o modelo fálico-castrado, centrado no genital masculino, para entender o tornar-se mulher: o clitóris, que deveria ser abandonado pela primazia da vagina como zona erógena; a inveja do pênis que lhe falta, o que fez Simone de Beauvoir (1949/2019) acusar que se considerava a mulher como um homem mutilado; a convicção de que a compensação estaria na

“Freud [...], ainda assim, adotou o modelo fálico castrado, centrado no genital masculino para entender o tornar-se mulher.”

maternidade, pela equação filho/pênis e pela necessidade de ser amada.

Apesar de colocar sob suspeita que a docilidade e a tendência à vida doméstica fossem parte de sua natureza e de considerar a influência do ambiente sociocultural, a mulher e o feminino foram considerados por Freud o continente negro da Psicanálise (Freud, 1926/1969), com caráter enigmático (Freud, 1933/2010).

Mas qual seria o enigma que esse continente negro, tão desconhecido, indica?

É no descentramento provocado pela modernidade que o feminino surge como alteridade que rompe paradigmas – algo que os artistas também buscaram no Oriente e na arte africana. Mas foi o Surrealismo que o valorizou mais fortemente como arma no combate ao racionalismo, associando a mulher à loucura e ao primitivo. Não por acaso, Breton (1928/2022), leitor de Freud, vai enaltecer a beleza convulsiva da loucura histérica como modelo para o ideário surrealista. Nem gratuito o fato de que tenha nascido em la Salpêtrière, sob a pressão do mal-estar feminino, um modo de pensar além da racionalidade médica.

É também na obra freudiana que se dá a migração da ênfase da castração para o desamparo originário, o que desloca o femi-

nino como anterior ao registro fálico. E mais, coloca-o na condição primária de ser a origem do psiquismo de homens e mulheres, ou seja, um atributo comum aos dois sexos (Freud, 1937/2018), o que nos leva de volta a 1900, quando Freud (1900/2019) apresenta o sonho com um núcleo que se mantém resistente à decifração completa; o umbigo dos sonhos. Metáfora quase explícita para se pensar o feminino como registro originário do sujeito, o umbigo indica que persiste em nós a dimensão do não representado, aberto à exploração. Porque, como diz Kristeva (2001, p. 93), o feminino é “anterior ao começo”, um “fora impensável” que recusa ser o duplo simétrico do masculino, que celebra a emergência de sentido ao mesmo tempo que é lugar de tensão e desarranjo. Simultaneamente, enigma e tentativa de apreender o enigma do que está além da representação, o feminino, nosso estranho desconhecido, continua a desafiar a quem tentar domesticá-lo.

Referências:

- Beauvoir, S. (1949/2019). *O segundo sexo*. A Experiência Vivida. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Breton, A. (1928/2022). *Nadja*. São Paulo: 100/cabeças.
- Freud, S. (1900/2019). “A interpretação dos sonhos”. In *Obras completas*, volume 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1933/2010). “A feminilidade”. *Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. In *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1937/2018). “Análise terminável e interminável”. In *Obras completas*, volume 19: Moisés e o monoteísmo. Compêndio de Psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kristeva, J. & Clement, C. (2001). *O feminino e o sagrado*. Rio de Janeiro: Rocco.



Fernando Botero. *Mona Lisa* (1977).

// Silvana Rea

silvanamrea@gmail.com

Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Entrevista com Lucila de Jesus Mello Gonçalves

O sonho do analista como instrumento de compreensão da cultura indígena.

Lucila de Jesus Mello Gonçalves é psicanalista, doutora em psicologia social, autora dos livros 'Na fronteira das relações de cuidado em saúde indígena' (Ed. Annablume) e 'Ponte' (Ed. Patuá).

A nossa convidada é pioneira na compreensão da cultura indígena e no atendimento a essa população pela qual se apaixonou desde a infância. Elegeu a questão indígena como eixo de reflexão acadêmica da qual vem brotando uma rica, original e extensa produção. Lucila nos conta como viveu o processo de cruzar fronteiras inexploradas e de contribuir para a formação de psicanalistas sensíveis à prática da Psicanálise em territórios simultaneamente estrangeiros e tão genuinamente brasileiros.

O que mais lhe impactou, Lucila, no contato com os indígenas e sua cultura?

Inicialmente, uma admiração que se relaciona aos modos indígenas de viver: uma vida permeada pelo que chamamos de “arte” e pela preservação do que denominamos “natureza”. Também durante a pesquisa de mestrado, minha avó materna me disse que sua avó era uma indígena guarani da região de Cananeia, onde nasceu meu bisavô. Saber disso e poder conversar com minha avó sobre nossa ancestralidade e mútuo encantamento pelo modo indígena de ser e viver foi muito importante. Ela escreveu um dicionário guarani-português e só não foi, como estudante de geografia, para a expedição Xingu, porque era mulher e seu pai, na época, não permitiu.

Como a saúde indígena se tornou um campo de interesse para você?

Eu tinha notícia de que pessoas indígenas adoentadas, quando não conseguiam tratamento adequado em suas regiões, vinham se hospedar na Casa de Saúde Indígena (CASAI), em São Paulo, para se tratar e ficavam “morando” lá numa situação muito precária e desenraizadora. Fiz uma pesquisa de campo indagando: será que um psicólogo/

psicanalista teria alguma serventia nessa instituição? Qual seria? Naquela época (entre 2005 e 2007), havia trabalhos de médicos e antropólogos neste campo, mas nada na área da Psicologia. Isso também me instigou. A pesquisa apontou tarefas para o psicólogo, por exemplo, o psicólogo como um intermediador entre os indígenas e os profissionais de saúde não-indígenas; a pesquisa indicou também um “modo próprio” de fazer etnografia, em que podemos contar com as comunicações silenciosas, o sonho do pesquisador, por exemplo, como comunicações legítimas do campo. Essa pesquisa foi publicada em 2011; o título do livro é “Na fronteira das relações de cuidado em saúde indígena” (está também disponível no Academia.edu). A partir dessa experiência, continuei atuando no campo da saúde dos indígenas, até que, em 2013, iniciei a pesquisa de campo no Xingu para investigar as concepções oníricas dos Kamayurá e ali, justamente uma das indagações era se o sonho poderia ser tomado como uma faceta de enraizamento e de resistência.

De pesquisadora na área da saúde para psicanalista, como você passou a atuar na clínica dos indígenas?

Em 2020, naquele contexto angustiante da pandemia, alguns amigos do Xingu começaram a me ligar para contar seus sonhos (minha pesquisa de doutorado foi sobre as concepções oníricas dos Kamayurá) e conversar sobre eles. Depois, foram chegando outros indígenas de outras etnias e, assim, me vi cheia de questões e bem solitária para discuti-las. Tentei conversar com colegas psicanalistas, mas não funcionou. Havia um desconhecimento, distâncias enormes em relação aos mundos indígenas e, então, eu resolvi me reaproximar dos colegas do nú-

cleo de atendimento da Rede de Atenção à Pessoa Indígena (no Instituto de Psicologia da USP).

A concepção de saúde e doença é atravessada por dimensões éticas, políticas, afetivas e culturais. O que você observou a respeito disso nas práticas de saúde com os indígenas?

As concepções de saúde e doença variam muito conforme a etnia. São 305 etnias no país. Esse é um grande desafio para as políticas de saúde destinadas às pessoas indígenas, principalmente porque as políticas de cuidado são formuladas e praticadas por pessoas não-indígenas, inseridas no modelo biomédico ocidental. Os sistemas de saúde são estabelecidos num modelo hegemônico, arrogante, que se pretende universal e se propõe a dar assistência aos povos indígenas, mas se apresenta deveras limitado no que se refere desde a formação dos profissionais de saúde, passando pelo desafio das circunstâncias geográficas e culturais de cada etnia até os orçamentos, os recursos destinados para cada região, e isso envolve elementos de micro e macropolíticas. Atualmente, temos o Ministério dos Povos Indígenas e, finalmente, temos pessoas indígenas executando as políticas de saúde, mas essas mudanças são lentas.

É interessantíssima a forma como você usa os sonhos – próprios e dos indígenas – para compreender seu universo e experiências inacessíveis de outra forma.

Sempre fui muito ligada aos sonhos, tanto pessoal como profissionalmente. As formulações de Winnicott que permitem compreender alguns sonhos como comunicações silenciosas, o espaço-sonho proposto por Masud Khan e a compreensão de um so-



Lucila de Jesus Mello Gonçalves.

"Algumas questões sonhadas [por mim] revelaram angústias e demandas que não diziam respeito à minha vida, mas eram questões dos indígenas."

no como um acontecimento de um grupo, como propõe René Kaës, foram importantes para elaborar alguns sonhos que tive durante as pesquisas. Algumas questões sonhadas revelaram angústias e demandas que não diziam respeito à minha vida, mas eram questões dos indígenas. Esses sonhos foram tomados como espécies de ícones de comunicação silenciosa. Eles permitiram que algumas questões latentes fossem explicitadas e reformuladas pelos usuários e funcionários da instituição. Na pesquisa no Xingu, pude observar um modo de vida em que o sonhar e o viver são inseparáveis. Pude conhecer as dimensões comunitárias do sonhar, pois os sonhos do pajé Takumã eram norteadores de decisões e ações da comunidade. Em 2017, tive dois sonhos que meus amigos Kamayurá entenderam que eram diferentes, que eu deveria conversar com a pajé, pois eram sonhos com um "espírito" deles. A pajé me explicou que, por eu estar ali pesquisando sobre sonhos, indagando, entre outros elementos, quais sonhos vêm de dentro das pessoas, quais sonhos vêm de fora (do "espírito"), o próprio "espírito veio no sonho para te mostrar". As questões que os sonhos traziam também diziam respeito a temas importantíssimos da comunidade, como o machismo e a violência contra as mulheres e as crianças.

A partir da sua convivência com os indígenas, pode nos falar um pouco sobre o que caracteriza sua subjetividade, seus sonhos e mal-estares?

Se for responder rigorosamente, poderia seguramente dizer que nada entendo sobre sua subjetividade, sonhos e mal-estares. Estes são termos de uma linguagem ocidental. O que me sinto mais confortável em dizer é que seu bem-estar está diretamente ligado à possibilidade de viver em segurança dentro de seus territórios, realizar seus plantios, sua caça, suas festas e seus ritos. Que as práticas predatórias (garimpo, desmatamento, queimadas, caça e pesca ilegal, monoculturas

etc.) que assolam o país, bem como a invenção da existência de um marco temporal, os impedimentos no que se refere às demarcações, produzem enormes adoecimentos, físicos e psíquicos. Nesse sentido, o parâmetro de vida saudável está diretamente ligado à preservação de diferentes formas de vida, humanas e não-humanas, visíveis e invisíveis. Mas se não houver terra, não há floresta, e sem a mata, os espíritos não sobrevivem. As palavras de ordem, no sentido da saúde, são: demarcação já!

A Psicanálise tem sido usada para a compreensão, tratamento ou instrumento de pesquisa das culturas indígenas?

Até o momento, não tenho notícias de pessoas indígenas que estão atuando dentro da Psicanálise. Conheço pessoas indígenas atuando como psicólogos sociais, atuando em comunidade, atuando na área clínica como psicoterapeutas. Este ano, temos o primeiro aluno indígena em nosso curso "Winnicott: experiência e pensamento" aqui no Instituto Sedes Sapientiae. Ele está estudando Psicanálise com muito interesse. Entendo que, ultimamente, a Psicanálise vem se abrindo para acolher, compreender e cuidar das pessoas indígenas em sofrimento que nos procuram, mas sinto que há uma rigidez, não na teoria psicanalítica, mas nas suas práticas. Há grande dificuldade neste deslocamento, na abertura para mundos tão diferentes e misteriosos, sobretudo em relação à dimensão do que nomeamos de sagrado, que para os ameríndios é fundamental.

No seu livro *Na fronteira das relações de cuidado em saúde indígena* (Annablume, 2011), de que fronteiras você fala?

Acho que falo desta fronteira entre mundos, da impossibilidade das traduções, de uma zona multi, poli, em que há de se manter abertura para a escuta, para a permeabilidade, mas também limites que preservem as diferenças. A zona do entre-mundos que

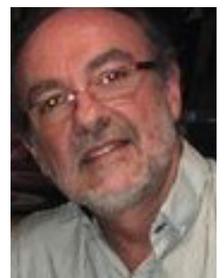
podemos reconhecer entre nós e os outros, mas também dentro de nós, entre os nossos próprios mundos (afinal, o primeiro outro, o primeiro diálogo, não é o próprio pensamento?). Nesse sentido, não há somente uma fronteira a ser cruzada, como acontece geograficamente quando vamos de um lugar a outro, mas são esses esforços de aproximação e conexão que fazemos o tempo todo para nos comunicarmos. Se entendemos que não há tradução possível, qualquer encontro exige esse deslocamento, a abertura para a multiplicidade de universos, com seus saberes e mistérios. Sim, no processo analítico isso se dá o tempo todo. É a própria condição e matéria do nosso trabalho.

O que caracterizaria uma política indigenista dos seus sonhos – e a que distância estamos dela?

Penso que um sistema político que garanta condições de bem-viver para os diversos grupos que compõem a sociedade é um desejo e, portanto, uma luta de todos nós. Cada pessoa deveria se envolver nessa ação de modo a colaborar nessa construção. Eu não diria que é um sonho, e sim uma emergência, um imperativo ético. As pessoas adultas, no meu modo de entender, têm essa responsabilidade, precisam encontrar seu modo de se engajar. A distância depende de quanto somos, como sociedade, maduros para assumirmos essa corresponsabilidade, essa atitude de uma vida ativa nessa direção.

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com



As estrelas da tela a partir de Edgar Morin



Para Edgar Morin, a “cultura do ‘estrelismo’” nos filmes, especialmente no que diz respeito às “estrelas”-atrizes (mais do que em relação aos “astros”-atores) remonta aos anos 1920 e 1930 – bastante iniciais na história do Cinema. E foi agente de mudanças nos valores mais tradicionais e/ou conservadores junto ao público que tinha nos filmes uma fonte de entretenimento com enorme poder de alcance: houve uma espécie de indução a novos ideais de feminilidade (ainda que isso se desse também no terreno ‘masculino’ por meio dos heróis das telas), assim como foram sugeridos novos estilos de vida calcados em projetos de realização íntima; por meio do erotismo na exposição da imagem criada para cada estrela (erotismo quase explícito em alguns casos, dissimulado em outros tantos), elas foram elevadas à categoria de ‘divas’, deusas da tela no imaginário coletivo das plateias, promovendo uma espécie de nova “ética” de caráter lúdico (lazer, felicidade acima de tudo) e consumista (bem-estar como meta prioritária) para o que se concebia como “feminino”.

As grandes estrelas como que passaram a pertencer a um Olimpo de divindades por meio do estabelecimento (estimulado pela

máquina de propaganda dos grandes estúdios americanos) de uma aura praticamente mágica, e até mesmo, pode-se dizer, “religiosa” que invadia a visão de mundo – até então – mais racional dos admiradores. Estes, não raro, transmutavam-se em “fiéis” incondicionais de tais semideusas, disputando autógrafos, objetos pessoais (quanto mais íntimos, mais apreciados e valorizados), entrando em delírio na presença ou proximidade (resguardada por seguranças) de tais mulheres elevadas a um patamar sobre-humano.

Por meio de tal adoração fetichista, a devoção dos adoradores assumia características apaixonadas que também podiam ter o aspecto de adulação efêmera, temporária, já que a idolatria se apegava a uma “imagem”, uma “aparência” quase imaterial de determinados arquétipos: a “estrela” de um período de tempo podia ser substituída por outra surgida mais adiante e fabricada para transmitir a sensação de novidade. A loura platinada de um período podia ser Jean Harlow (1911-1937), em outro período, Marilyn Monroe (1926-1962).

A fabricação de novas estrelas era tarefa importante de agentes, estúdios, produtores e mesmo diretores de filmes: dizem que o ci-

neasta Josef von Sternberg (1894-1969) foi quem “criou” a imagem de estrela assumida por Marlene Dietrich a partir do filme “Anjo Azul” (1930) e em mais seis filmes ao longo dos cinco anos seguintes. Os títulos podem ser bem representativos da manipulação do mito recriado como hipóbole de um novo ideal de feminilidade para a época (e que não escondia, eventualmente, alguma dose de ambiguidade andrógina). Segundo os nomes de seus filmes, aquela estrela oscilava entre ser uma “Vênus Loura” ou uma mulher “Desonrada”; da nobreza de uma “Imperatriz Vermelha” passava a ser (ou era revelado seu lado de) “Mulher Satânica”. A propósito desse título (mais radical no original “*The Devil is a Woman*”) cabe assinalar que Dietrich não foi nem a primeira nem a última figura de “*femme fatale*” do Cinema.

Algumas vezes, essas mulheres “decaídas” tinham sua queda “explicada” por um passado de “vítima”, mas, no final das contas, eram – quase sempre – novas ‘Evas’ que continuavam levando o homem à ruína moral. No subgênero policial consagrado como “Cinema Noir” de grande popularidade, especialmente no pós-II Guerra, a mulher fatal era personagem quase obrigatória, a antípoda das “ingênuas” – caracterizando o velho maniqueísmo entre a “santa” e a “prostituta” apontado por Freud, por exemplo, em “*Um Tipo Especial de Escolha de Objeto*” (1910).

Já as mulheres que queriam ficar atrás das câmeras nas muitas primeiras décadas do Cinema, além das dificuldades encontradas para dirigirem filmes, eram eclipsadas nos registros históricos, o que se manteve até bem recentemente. Algumas atrizes, estelares ou nem tanto, podiam ocupar o lugar de “musas” para os diretores que faziam vários filmes com a mesma intérprete. Quase sempre relegadas ao papel de encarnar a beleza conforme o tipo predominante da época, transformavam-se em objetos de consumo onírico e masturbatório para **os** fãs, modelos quase sempre inatingíveis para **as** fãs.



Marilyn Monroe em um de seus primeiros trabalhos no Cinema (1947).

// Luiz Fernando Gallego

luizgallego@gmail.com



Um intercâmbio, muitos ganhos

Fui convidada a fazer alguns comentários sobre o material clínico trazido por Joana Alves Ferreira, membro provisório da Sociedade Psicanalítica de Portugal – uma oportunidade única. Toda cultura tem o seu jeito peculiar de trabalhar. Como a gente diz aqui no Brasil, o seu “jeitão”, um estilo próprio do lugar. É impressionante como um mesmo material pode ser percebido por diferentes culturas, e só temos a ganhar com essa experiência. Todos entenderam isso e, ainda, aproveitaram ao máximo a desenvoltura e o jeito doce da nossa colega portuguesa: uma boa ideia de como ela é na clínica.

Joseph Sandler diz que, se formos criativos e competentes o bastante, técnica e teoricamente, construímos uma teoria que dá conta daquele sujeito específico, daquela história, daquela vida que é única. Com esse jeito próprio que desenvolvemos ao longo do tempo, vamos ter ou não coragem de fazê-lo, com cada um dos nossos pacientes. Também Betty Joseph diz que não existem pacientes inalisáveis – o que existem são analistas despreparados e pouco criativos.

Estávamos num grupo pequeno, sentados em roda, num clima intimista e acolhedor. É sempre difícil mostrar a sua clínica, pois, além de um desconforto por estarmos expondo um paciente, mesmo com todos os disfarces, inconscientemente nos sentimos culpados pela “traição”. Além disso, nós, analistas e comentadores, também estamos expostos quando escolhemos este ou aquele caminho para trabalhar, afinal trabalhamos com nossas vivências, nossas representações, nosso inconsciente. Ela nos trouxe sua paciente oficial, acompanhada em supervisão desde 2019 por pelo menos três anos. Discutimos a indicação da terapia, a transformação da psicoterapia para o tratamento psicanalítico, o uso (ou não) do divã. E conversamos sobre o momento pós-sessão, precioso para pensar sobre os caminhos que tomamos e os possíveis bloqueios, a importância dos silêncios e também sustentarmos teoricamente o nosso atendimento.

Falamos sobre a nossa presença como parte ativa no processo: nossos sentimentos, ali presentes (os que conhecemos e também os que não conhecemos), a tal da contratransferência que,

tão logo percebida, passa a ser uma ferramenta para uso no trabalho daquela dupla. Abordamos, ainda, o conceito de estase da libido, criado por Freud para explicar a origem dos sintomas, além da teoria do trauma. Complementamos com o tema das doenças orgânicas, uma vez que a família da paciente trazia essa marca, principalmente durante os seus primeiros anos. Para auxiliar a entender o ambiente no qual a paciente da Joana se desenvolveu, também lembramos o texto de Freud sobre “Uma introdução ao narcisismo”, de 1914, e o primoroso texto de Ferenczi “As patoneuroses”, de 1917, quando formula que “O homem doente retira sua libido, isto é, o seu interesse e amor dos objetos do mundo externo, e desloca-os quase que exclusivamente para si próprio ou para o órgão doente”. O paciente torna-se narcísico ao extremo.

Discutimos a associatividade: a atenção flutuante do analista, assim como a associação livre da paciente, sendo que numa análise tudo pode vir a se tornar uma mensagem dirigida ao analista.

Tivemos uma tarde deliciosa e, acredito, proveitosa para todos. Constatamos que, apesar da grande distância entre Brasil e Portugal, estivemos muito próximos, não só pelo idioma, mas porque, neste nosso cantinho do inconsciente, somos mesmo irmãos. Que possamos incentivar mais e mais essa troca tão rica entre a Brasileira do Rio e a Sociedade Psicanalítica de Portugal. Acredito que Joana já seja uma analista. Com o andar da formação, será, com certeza, uma analista ainda mais especial.

// Margaret Waddington Binder
margawb@terra.com.br



Joana e Margaret / plateia - 25/8/2023.



Aproximações entre o feminismo negro e a Psicanálise

Inspirada pela suplementação essencial feita pela psicanalista Neusa Santos, em seu livro *Tornar-se negro* (1983), à afirmação feita por Simone de Beauvoir, no seu clássico *O segundo sexo* (1949) sobre a condição feminina, proponho uma dupla paráfrase: “Não se nasce mulher negra, torna-se”. Nesta linha, retomo também a inquietante pergunta “e eu não sou uma mulher?”, enunciada no discurso de uma mulher negra nos EUA, em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres, e indago: de que maneira essas três falas se conectam entre si e, especialmente, com o pensamento psicanalítico?

Começemos pelo surgimento do feminismo negro. Resultado da crítica de intelectuais e ativistas negras ao pensamento feminista branco e hegemônico, busca, a partir das interseções entre gênero, raça e classe social, a compreensão e o combate da opressão e discriminação enfrentadas pelas mulheres negras. Plural, é um movimento formado pelos mais diferentes processos experienciados por “corpos psíquicos”, cujo nascedouro se dá nas lutas diárias – e nas ondas percorridas pelo movimento feminista – para se libertarem da condição de “corpo objeto”.

O espírito contra-hegemônico e a escuta polifônica são ferramentas importantes para o diálogo que proponho, pois acredito que é importante reconhecer que as teorias psicanalíticas também não escaparam ao peso da razão patriarcal e do preconceito de gênero, raça e classe. E que o longo tempo em que o conceito de histeria pendeu multiplicado, sob a forma de grillhões invisíveis, ajudou a empregar as mulheres dentro de seus próprios corpos, reduzindo-as quase à mera função de gerar outras vidas. Não obstante às controversas concepções de Freud sobre a mulher, criticadas pelos movimentos feministas, é a partir da teoria freudiana que temos o conceito de “corpo psíquico”, o qual parecia já estar presente na indagação de Sojourner Truth, no trabalho

de Beauvoir e na pesquisa de Neusa Santos. Reconhecer a existência de outros “corpos psíquicos” desafia, além da própria Psicanálise, o conceito de “sujeito” no campo das demais ciências humanas. A compreensão de trauma, por exemplo, é o mesmo para todas as pessoas que habitam nosso frágil e desgastado planeta?

A presença de intelectuais negras no campo da Psicanálise produz um tempo fecundo e repleto de polifonia. A participação de Virgínia Bicudo, mulher negra e cientista social, no estabelecimento da Psicanálise no Brasil é decisiva, especialmente quanto à formação psicanalítica de não-médicos. A trajetória de Lélia Gonzáles e seus textos sobre a sociedade brasileira e seus sintomas, a mãe preta, a Psicanálise, seguem inspirando

reflexões e mudanças na Psicanálise brasileira e latino-americana.

Considerar as vivências e as perspectivas diversas das mulheres negras parece abrir novos desafios à Psicanálise. As marcas deixadas pela violência não se localizam apenas na superfície da pele, no fundo dos bolsos, na insuficiência de espaços de escuta das subjetividades e seus sofrimentos ou nos últimos lugares nas filas quase infinitas da busca pela cidadania. Sabendo que esta é uma longa conversa, desejo que continue em outros momentos e espaços psicanalíticos.

// **Maria Cristina Leão**

Membro provisório da SBPRJ

cris.leao22@gmail.com



Virgínia Bicudo, Lélia Gonzáles e Neusa Santos.



Jozias Benedicto

Jozias Benedicto é artista visual e escritor, com especialização em “Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo”. Participou de exposições, como a XVI Bienal de São Paulo e o Salão Nacional de Artes Plásticas. Tem sete livros publicados, com premiações, sendo o mais recente o romance *Doze noites e seus trabalhos* (2022, Editora Urutau).

Em que ponto você está?

Comecei a “fazer arte” bem jovem, nos anos 1970, frequentando ateliê de artistas como Ivan Serpa e Anna Bella Geiger. Mais recentemente, trabalhei como editor em uma pequena editora independente no Rio de Janeiro e, com isso, desenvolvi meu lado de escritor/poeta/contista. Já publiquei sete livros, alguns deles receberam o reconhecimento com prêmios literários. A palavra, que sempre esteve presente como coadjuvante em meu trabalho de artes visuais, se assumiu como parte integral dele. Em minhas telas, uso palavras e poemas, meus ou de escritores como Hilda Hilst, Sylvia Plath ou Shakespeare, porém em escrita “invertida” ou “espelhada”



Jozias Benedicto. *Tecendo a manhã* (João Cabral), 2021.

(da direita para a esquerda, como as anotações de Leonardo da Vinci). A palavra se dissolve, o sentido se perde, tudo se torna cor, gesto e pulção.

Na Psicanálise, fazemos uma formação para nos tornar analistas. Como se forma um artista? É possível fazer essa comparação?

Sim, também acredito nisso e tenho a experiência de minha formação frequentando os ateliês de Ivan Serpa (do qual absorvi principalmente o perfeccionismo, a obstinação e o espírito crítico) e de Anna Bella Geiger (com quem fiz o meu mergulho nas mídias não tradicionais, como o vídeo, as xerox, as performances e instalações) e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com os artistas João Magalhães, Chico Cunha, Suzana Queiroga, Katie van Scherpenberg e outros. A teoria é muito importante, e as universidades brasileiras oferecem, mesmo fora dos grandes centros, excelentes cursos de artes visuais; pela internet se consegue o acesso às pesquisas recentes desenvolvidas no mundo inteiro, mas o artista que se forma apenas por meio da teoria não adquire a vivência que vem de longas discussões com outros artistas, de experiências em um ateliê, de acompanhar, na prática, o transformar de ideias em um projeto e, finalmente, em uma obra.

O que do menino de São Luís do Maranhão ainda permanece no adulto e no artista que hoje transita entre o Rio e Lisboa?

A infância é sempre muito marcante na

vida de um adulto, são aquelas primeiras referências e aquele lugar onde, já velhos, voltamos para repousar, em memórias ou em sonhos. Os padrões que aprendemos na infância são os que norteiam nossas vidas de adulto ou contra os quais nos rebelamos ou lutamos para superar. Minhas memórias estão bem presentes em muito do que escrevo. Um exemplo é meu livro de contos *Aqui até o céu escreve ficção*. Nele, a Ilha de São Luiz de minhas memórias (assim mesmo que escrevo, com Z, como, na ortografia da época) é protagonista e cenário onde se desenvolvem os segredos e enredos. Minha escolha por Lisboa para passar grande parte de meus dias tem muito a ver com isso. Lisboa conserva até hoje um aspecto de uma São Luiz que foi engolida, como tudo no Brasil, pelo progresso – os casarões, os azulejos, as ladeiras, os bondes em seus trilhos, as ruas de paralelepípedos: muitas vezes, olho para o Tejo e penso estar olhando para o Bacanga ou o Anil.

Seu trabalho nas artes visuais se baseia na palavra, especialmente na palavra poética. Poderia falar um pouco sobre seu processo criativo? Como surgem suas obras?

Leio muito, sou um consumidor voraz de textos e imagens, um colecionador de fragmentos que guardo mesmo sem saber o porquê, mas que um dia vão se combinar em minha cabeça e ser o estopim para um trabalho ou uma série de trabalhos. Meus projetos têm maturação própria; muitas vezes os deixo de molho até que retomo minhas anotações e lá es-

"A infância é sempre aquele lugar onde, já velhos, voltamos para repousar, em memórias ou em sonhos."

DOZE NOITES E SEUS TRABALHOS:

(SEXO, FETICHES, PARAFILIAS & TALVEZ AMOR VERDADEIRO)

jozias benedicto

COLEÇÃO JIRIPÓCA

HECATOMBE

Livro de Jozias Benedicto (2022).

tão eles, me esperando para nascer. A pintura é sempre de improviso; faz parte do processo ser um gestual espontâneo, um movimento que não se repete e que, se der errado, estragou tudo. Meu trabalho é, então, uma mistura entre camadas de tempo lento, de amadurecimento, e camadas do tempo único, rápido, imediato.

Do choque entre estes dois tempos nascem minhas pinturas.

Para Freud, a condensação e o deslocamento eram determinantes dos sonhos. Por meio do *ready-made*, Duchamp também operou um deslocamento da coisa não-artística (o urinol), elevando-o à obra de arte. Qual é o trabalho do artista hoje? O que resta por fazer, por resignificar?

Existe uma corrente de artistas contemporâneos, herdeira de Duchamp e de Andy Warhol, que pensa que o mundo já tem um excesso insuportável de imagens, e eles se rebelam a isso optando por não criar imagens novas cujo destino um dia será um lixão de algum lugar do terceiro mundo, e sim utilizar imagens já prontas, se apropriando delas e as resignificando. Creio que meu trabalho atual tem um pouco desse pensamento, quando busco dar novo sentido a imagens de fotos antigas de família, de livros velhos, de poemas, recriando palavras por meio da escrita invertida ou subvertendo imagens antigas por meio do acréscimo da camada de pintura, a marca do efêmero e, ao mesmo tempo, eterno.

Entendemos que a criação é uma eterna procura. Afinal, o que você busca com sua arte?

Acho que a maioria dos artistas busca mostrar sua visão do mundo, levar para as pessoas aquilo que é deles, como eles pensam, como são. E também usam a arte como uma ferramenta para entender este mundo e, ainda mais, entender a si próprios. Penso que é isto o que procuro com minha arte, tanto na escrita como nas artes visuais: entender o mundo, preservar memórias e imagens do desaparecimento, da entropia, e conseguir também, com isso, entender quem sou eu. Na verdade, um projeto inútil de vencer a morte.

//Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Assembleia Geral Ordinária - 18/09/2023:

- Homologações: Carlos Ferreira Lopes Pires Leal como diretor do Setor de Informática; término da Formação Psicanalítica e qualificação a membro associado: Maria da Penha de Mattos Nascimento; Setor de atualização da Redação do Estatuto e dos Regimentos e Regulamentos: Magda Rodrigues Costa, Michelle Gorin Zaidhaft e Viviane Frankenthal; qualificação a membro efetivo: Maria Elisa Alvarenga.



O Jarro de Pandora

“Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas. Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas.”

Era um fim de dia de uma sexta-feira e eu entrei na livraria com o intuito claro de buscar um livro sobre a Grécia, sobre mitologia ou, na verdade, qualquer bom romance que tivesse a Grécia como pano de fundo. Às vésperas de uns dias de férias naquele destino, queria “entrar no clima”, antecipando minha chegada, literariamente, ao solo grego. Pedi ajuda ao vendedor que ficou meio perdido, acreditando não ter muito a me oferecer além dos clássicos. Então, remexendo as pilhas de livros relativos ao tema, encontro um livro de capa azul celeste (azul como as janelas e cúpulas que vemos nos postais das ilhas gregas). Era ele **O Jarro de Pandora**, com um subtítulo extenso e autoexplicativo que parecia até estragar o enredo, antecipando conclusões, não fosse a riqueza e a relevância da pesquisa realizada pela autora. Natalie Haynes é escritora, tendo escrito inúmeros livros sobre mitologia grega. É também radialista e comedianta *stand-up*. Escreve para diversos jornais e colabora regularmente com a BBC. E é com essa bagagem, com sua verve crítica e seu senso de humor, que a autora nos leva a rever o lugar que ocupam as mulheres... de Atenas.

Ela explica, logo no início do livro, que: “mesmo a gramática grega obliterava as mulheres. Quando homens atenienses se referiam a um grupo de atenienses do sexo masculino, usavam as palavras *hoi Athenaioi*, “os atenienses” (...). Se um grupo de homens e mulheres atenienses se reunisse, a frase usada para descrevê-lo seria exatamente a mesma. Ainda que só um homem estivesse presente entre dezenas de mulheres, o final das palavras usadas para descrever

o grupo é masculino: *Oi*. Para um grupo só de mulheres atenienses, as palavras seriam *hai Athenaiai*. Eu digo “seriam” porque não se encontra essa construção em lugar algum da literatura grega: ninguém jamais precisa referir-se a um grupo de mulheres atenienses, porque elas não têm importância.” (pág. 35). Ooooooi?!?! Essa gramática soa bem familiar! É então, a partir do incômodo com a invisibilidade das figuras femininas, que Haynes se lança em uma incrível “Odisseia”, se debruça sobre toda forma de arte e relatos: literatura, artes plásticas, cinema, enfim, em uma espécie de reconstrução arqueológica, a autora junta caquinhos, junta escritos dando vozes a Jocastas, Helenas e Penélopes que, normalmente, não são escutadas.

De início, ela lança a pergunta: por que somos tão rápidos em transformar essas mulheres em vilãs, e ficamos tão ansiosos em aceitar as histórias que nos contam sobre elas, deixando apenas os homens no lugar de heróis, enquanto relegamos às personagens femininas papéis secundários, insossos ou marginais?

Mais do que simplesmente responder a essa questão, a autora nos guia por entre os escritos de Homero, de Eurípides, de Sófocles, de Estesícoro de Hímera (poeta lírico que viveu cerca de 150 anos antes de Sófocles escrever Édipo Rei) entre outros autores e, nas interfaces de seus escritos, podemos escutar sussurros de antigas-novas vozes das dez personagens selecionadas: Pandora, Jocasta, Helena, Medusa, As Amazonas, Clitemnestra, Eurídice, Fedra, Medeia e Penélope.

Ao longo das 326 páginas do livro, Haynes promove um reencontro com figuras e mitos, provocando um sentimento de familiaridade pela estrutura patriarcal denunciada, na qual logo nos reconhecemos fazendo parte. Mas também nos surpreende com um “estran-

geirismo” provocado pelas novas versões, apresentadas por ela, de personagens tão conhecidas.

A autora cria espaço em sua narrativa para que redescubramos mulheres que não são vilãs, vítimas, esposas ou monstros: são pessoas que amam, imploram, choram, acariciam. Que são sedentas ou violentas. Que tem gosto ou vontade, defeitos e qualidades, sonhos e presságios...

Enfim, encerro me juntando ao coro que repete e é preciso repetir, porque ainda vivemos em tempo de gramática grega: “mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas...”

// Simone Wenkert Rothstein

simonewr@rotx.com.br

